



L'ÉVÉNEMENT DE ANNIE ERNAUX: ESCREVER O INDIZÍVEL

Isadora de Araújo Pontes (UFJF)
Jovita Maria Gerheim Noronha (UFJF)

RESUMO: O trabalho em questão pretende apresentar uma análise crítica da obra *L'événement* [O acontecimento] (2000) de Annie Ernaux, tendo em vista a hipótese de que essa narrativa que relata a experiência de seu aborto clandestino realizado na França em 1964 é um ato transgressor que permite que a autora torne comunicável a violência e o trauma sofridos, reinscrevendo a experiência dentro de uma dimensão política e social. O próprio ato da rejeição da gravidez pela mulher ainda é considerado um comportamento que foge à natureza, ao normal, ignorando-se que essa norma também se trata de uma produção artificial das relações de poder. Além disso, uma narrativa referencial sobre um aborto ilegal é, igualmente, uma narrativa sobre um crime cometido. Na obra, Ernaux busca não apenas relatar a experiência, mas aproximar-se da violência sofrida. Trata-se de uma narrativa sobre um tema tabu e abjeto, bem como sobre a experiência de um acontecimento traumático. Dessa forma, propomos uma reflexão sobre o caráter indizível de sua escrita através dos interditos ultrapassados pela autora, focando-nos no interdito da escrita para as mulheres; no interdito da presença da sexualidade e do corpo, pois como postula Elizabeth Grosz (2007) a corporalidade na sociedade ocidental sempre foi vista como inferior a racionalidade; e, por fim, no interdito de se narrar o trauma do aborto, ao qual o psicanalista Georges Gaillard atribui um *status* de momento auto-fundatório.

Palavras-chave: Annie Ernaux. Autobiografia. Aborto. Indizível.

Annie Ernaux é uma escritora consagrada entre as produções autobiográficas francesas que publicou seu primeiro livro, *Les Armoires Vides* [Armários Vazios], em 1974. A partir de *La place* [O Lugar] (1983), seu quarto livro, a autora se decide por uma escrita referencial marcada pela tentativa de total recusa do romanesco. Porém, mesmo que Ernaux escreva sobre sua vida pessoal, o contexto social é determinante para a produção de suas obras, que ultrapassam o relato de uma experiência individual. O “eu” de seus textos é, muitas vezes, transpessoal, pois expõe a formação do indivíduo inserido no mundo, como afirma no prefácio de *Écrire la vie* [Escrever a vida] (2011): “Sempre escrevi ao mesmo tempo de mim e fora de mim, o “eu” que circula de livro em livro não

é assinalável à uma identidade fixa e sua voz é atravessada por outras vozes, parentais e sociais, que nos habitam” (ERNAUX, 2011, p.7, tradução nossa)¹. O íntimo nos seus textos aparece como lugar do social, através de um projeto de escrita que visa a despossessão do “eu” enquanto indivíduo completamente separado dos outros e de seu meio.

Em *Les Armoires Vides*, a personagem-narradora, Denise Lesur, conta sua história de alienação social a partir do aborto que vive no presente da narrativa. A narradora afirma trazer em si duas linguagens que se mesclam na escrita, marcadas pelos dois mundos com os quais tem contato, o de sua família e o da escola. Segundo Amaury Nauroy (2006), ao incorporar a uma literatura *dominante* um léxico e uma sintaxe *dominadas*, a autora rompe com a hierarquia social. Como ela mesma afirma em *L'écriture comme un couteau* [A escrita como uma faca] (2003), nos textos a partir de *La place* [O lugar] (1983) não se trata de uma afirmação ou busca do “eu”, mas de uma perda do “eu” numa realidade mais vasta, que compreende uma cultura, uma condição. As escolhas temáticas, lingüísticas e formais de Annie Ernaux não se dão ao acaso, são, ao contrário, fruto de um trabalho que excede a literatura e adentra o campo da história, da política e da sociologia.

Embora o aborto vivido esteja no centro da rememoração da narrativa de *Les Armoires Vides*, a obra se foca sobretudo em sua experiência enquanto *classe dominada*. A autora aborda recorrentemente em suas obras seu lugar de *trânsfuga de classes*, por ter nascido em um meio econômica e intelectualmente dominado e ter ascendido, através da aquisição do capital cultural. Entretanto, seus textos também levantam questões sobre outras formas de dominação. Em *L'événement* [O Acontecimento] (2000), Annie Ernaux narra a descoberta de uma gravidez inesperada, em outubro de 1963, aos 23 anos, e o aborto clandestino realizado em janeiro de 1964 em Paris, posto que o procedimento foi legalizado apenas em 1975 com a lei Veil. Neste trabalho, procuraremos situar alguns dos aspectos que se relacionam à narrativa desse aborto, a qual consideramos como uma escrita de algo indizível, por buscar transmitir aquilo que a linguagem falha em traduzir, procurando alcançar uma experiência dos limites morais, físicos e psicológicos.

Antonio Gramsci, em seus *Cadernos do Cárcere*, ao tratar das “justificações das autobiografias”, considera que os textos autobiográficos podem ser concebidos “politicamente”, pois mesmo que nossa vida seja semelhante a mil outras, “ela tomou

¹ “J’ai toujours écrit à la fois de moi et hors moi, le ‘je’ qui circule de livre en livre n’est pas assignable à une identité fixe et sa voix est traversée par les autres voix, parentales, sociales, qui nous habitent.”

uma direção que as outras mil não podiam tomar e de fato não tomaram” (GRAMSCI, 2001, p. 126). A narrativa autobiográfica permite uma descrição “em ato” do processo, criando essa possibilidade e expondo essa direção. Nesse sentido, segundo ele, a autobiografia pode substituir o ensaio político ou filosófico, pois ela é capaz de mostrar a “vida em ato” e não de acordo com aquilo que deve ser segundo as leis e princípios morais. No próprio projeto escritural de Annie Ernaux, a partir da consideração de Gramsci, podemos identificar confluências com o ensaio que permitem que sua escrita ultrapasse certa concepção de literatura, desafiando-a a estar em estreita relação com a política ao se engajar na busca pela transmissão de uma imagem do real. Dessa forma, a autora narra frequentemente, como em *L'événement*, aquilo que não pode ser ou não deve ser dito, o interdito e o indizível, abordando a vida como experiência como ato.

Aqui analisaremos o indizível através dos interditos a serem ultrapassados para que seja possível a criação a partir da rememoração da experiência traumática e transgressora. Há, inicialmente, o interdito da escrita para as mulheres, pois mesmo que hoje a produção feminina seja profícua, o cânone é ainda composto em sua maioria por homens, brancos e ocidentais. O segundo interdito que procuraremos situar relaciona-se ao primeiro, pois diz respeito a presença do corpo e da sexualidade na narrativa. Outra marca do indizível da escrita que apontaremos está na intransmissibilidade do trauma. À vista disso, percebemos que a obra de Ernaux enfrenta diferentes obstáculos no momento da representação literária de sua experiência.

A autora afirma que a questão de classe é mais importante para sua escrita do que a individuação sexual. No entanto, como declara em *Le vrai lieu* [O verdadeiro lugar] (2014), considera que quando se é uma mulher que escreve, além de uma experiência de vida diferente, há o desafio da legitimidade:

Non sou une femme qui écrit, je suis quelqu'un qui écrit. Mais quelqu'un qui a une histoire de femme, différente de celle d'homme. Cette histoire, c'était, avant la contraception et l'avortement libre, celle du pire enchaînement à la procréation. Et l'expérience qu'une femme a du monde au quotidien n'est pas

² Je ne suis pas une femme qui écrit, je suis quelqu'un qui écrit. Mais quelqu'un qui a une histoire de femme, différente de celle d'homme. Cette histoire, c'était, avant la contraception et l'avortement libre, celle du pire enchaînement à la procréation. Et l'expérience qu'une femme a du monde au quotidien n'est pas

Em uma sociedade calcada na divisão binária entre masculino e feminino, enquanto dois polos opostos e hierarquizados, a experiência de um indivíduo reconhecido como pertencente à categoria de mulheres é também uma experiência de dominação. No campo da literatura, embora hoje contemos com uma grande produção feminina, até o século XVIII as mulheres estavam presentes, com raríssimas exceções, apenas enquanto personagens. Para as mulheres, a escrita era algo interdito, por ser considerada uma ocupação masculina, assim como todas as atividades relacionadas ao intelecto. Apesar de no século XIX, ter começado um movimento mais intenso de ruptura com essa perspectiva, trata-se ainda de uma escrita que, em sua maioria, não afirma a mulher enquanto sujeito, a partir de textos que não buscam uma identidade própria, mas a identidade já estabelecida e atribuída ao masculino. Logo, mesmo quando as mulheres começam a adentrar no campo da literatura, a presença de aspectos ligados à feminilidade permanece interdita.

Os obstáculos encontrados pela narrativa da experiência da mulher enquanto indivíduo no mundo refletem, também, na dificuldade das escritoras de se afirmarem enquanto “um sujeito que diz “eu”, que tem a intenção de se dizer, e mesmo de se mostrar afastando-se do olhar e do discurso masculino” (SEYS, 2012, p. 8, tradução nossa)³. Essa impossibilidade de se reconhecer como sujeito se associa a subjugação e desvalorização do feminino, posto que os grandes temas – guerras, conquistas, viagens – eram aqueles associados a virilidade, a um mundo do qual as mulheres eram completamente excluídas, enquanto que aqueles assuntos mais voltados para o interior, o privado, o íntimo, eram desvalorizados.

Com as mudanças operadas a partir do final do século XIX, como a organização das mulheres em lutas pelo direito ao voto e ao acesso à escolaridade superior, e o crescimento dos movimentos sociais e feministas, as mulheres começaram a participar mais ativamente do mundo intelectualizado, gerando a conquista de cada vez mais reconhecimento na literatura. Enquanto isso, no campo das escritas de si, podemos observar um movimento de valorização do passado. Segundo Andreas Huyssen, desde a década de 1960 há uma emergência de discursos da memória, devido aos processos de

celle d'un homme. En réalité, la difficulté pour une femme – même si je ne l'ai pas ressentie – c'est de faire admettre la légitimité d'écrire son expérience de femme.

³ “un sujet qui dit “je”, qui a l'intention de se dire, et même de se montrer en se dégageant du regard et du discours masculins”

descolonização e o surgimento de novos movimentos sociais em busca de histórias alternativas. Tal tendência pode ser relacionada ao aparecimento, nas últimas décadas, de um grande número de textos referenciais escritos por mulheres, ultrapassando-se o desafio de se afirmar enquanto sujeito detentor de uma experiência que vale a pena ser narrada.

Podemos destacar em *L'événement*, também, o interdito da presença do corpo como lugar da experiência. Elizabeth Grosz, em seu ensaio “Corpos Reconfigurados”, aborda a dualidade mente/corpo de modo a evidenciar como o corpo, enquanto matéria orgânica, foi negligenciado na filosofia ocidental, que se guia por uma lógica dicotômica e polarizada na qual o corpo aparece enquanto inferior, assim como todas as manifestações que lhe são associadas. A dualidade mente/corpo desencadeia, ainda, outros pares antitéticos como psicologia/fisiologia, sensatez/sensibilidade e ser/outro. Essa visão binária é marcada, igualmente, por uma hierarquização entre os dois termos polarizados, a partir da qual “o termo primário define-se expulsando seu outro e neste processo estabelece suas próprias fronteiras e limites para criar uma identidade para si mesmo” (GROZS, 2000, p. 48). Portanto, o corpo é aquilo que não é a mente mas deve ser subordinado, sendo “codificado em termos que são eles mesmos tradicionalmente desvalorizados” (GROZS, 2000, p. 49). A oposição macho/fêmea se correlaciona a essa dualidade, sendo o masculino associado a mente e o feminino ao corpo. Mesmo quando o pensamento filosófico ocidental assume que a corporalidade é também masculina, continua a enxergar as formas de corporalidade de cada sexo como essencialmente distintas e qualifica os corpos das mulheres como sempre desiguais, inferiores e subordináveis por suas características biológicas.

Em *L'événement*, a autora-narradora relata também a própria experiência física, descrevendo na narrativa a expulsão do feto de seu corpo:

Senti uma violenta vontade de cagar. Corri para o banheiro, do outro lado do corredor, e me agachei na frente da privada, de frente para a porta. Via o piso entre minhas coxas. Empurrei com todas as minhas forças. Aquilo jorrou como uma granada, num estouro de água que se derramou até a porta. Vi um pequeno nadador pender de meu sexo na ponta de um cordão avermelhado. Não imaginara ter isso em mim. Era necessário que eu andasse com aquilo até meu quarto. Peguei-o com uma mão – tinha um peso estranho – e avancei no corredor fechando-o entre

minhas coxas. Eu era uma besta. (ERNAUX, 2011, p. 308, tradução nossa)⁴

O corpo aparece sob a forma da degradação, através da animalização, “eu era uma besta”, mas também como lugar da experiência, figurando fisiologicamente e dissociando-se da razão. Falar detalhadamente do corpo, de suas funções fisiológicas é algo perturbador dentro da sociedade ocidental, o que é intensificado pelo tabu da temática. Trata-se da representação de uma experiência física de superação e ruptura, um corpo fêmea que parece algo sem nome e sem vida – “um pequeno nadador” – um corpo em transgressão dos seus limites corporais, da construção de uma maternidade compulsória e das regras morais. Esse corpo pode ser aproximado do que Grozs chamou de *subjetividade corporificada*, por ser narrado a partir de sua matéria orgânica, a experiência física de abortar, e inorgânica, suas inscrições sociais e culturais que levam ao processo doloroso, inseguro e clandestino.

Véronique Montémont, em um recente artigo sobre o aborto em *Les Armoires Vides* e *L'événement*, destaca algumas das proibições ao redor do aborto na época em que Annie Ernaux o realiza:

Em 1963-64, abortar é a consequência de uma situação na qual se cruzam múltiplas interdições: ter vivido uma sexualidade livre e procurado o prazer, ter desobedecido os preceitos religiosos inculcados desde a infância, ter ridicularizado os valores familiares, que se não ignoram a sexualidade [...], sacralizam a virgindade antes do casamento. (MONTÉMONT, 2015, p. 29, tradução nossa)⁵

Porém, ainda hoje o aborto é um tema tabu e, até mesmo, abjeto, como podemos perceber pela recepção de *L'événement*, mesmo se tratando dos anos 2000, pois, embora todos os livros de Ernaux sejam sempre esperados com grande ansiedade, sua publicação teve uma

⁴ “J’ai ressentie une violente envie de chier. J’ai couru aux toilettes, de l’autre côté du couloir, et je me suis accroupie devant la cuvette, face à la porte. Je voyais le carrelage entre mes cuisses. Je poussais de toutes mes forces. Cela a jailli comme une grenade, dans un éclaboussement d’eau qui s’est répandue jusqu’à la porte. J’ai vu un petit baigneur pendre de mon sexe au bout d’un cordon rougeâtre. Je n’avais pas imaginé avoir cela en moi. Il fallait que je marche avec jusqu’à ma chambre. Je l’ai pris dans une main – c’était d’une étrange lourdeur – et je me suis avancée dans le couloir en le serrant entre mes cuisses. J’étais une bête.”

⁵ “En 1963-64, avorter est la conséquence d’une situation dans laquelle s’entrecroisent de multiples interdits: avoir vécu une sexualité libre et recherché le plaisir, avoir désobéi aux préceptes religieux inculqués depuis l’enfance, avoir bafoué les valeurs familiales, qui si elles n’ingorent pas la sexualité [...] sacralisent la virginité avant le mariage.”

acolhida midiática irrisória, considerado até mesmo “nauseante” por um jornalista, segundo relata a autora numa entrevista ao jornal *L’Humanité*.

Ao escrever *L’événement* a autora além de enfrentar esses interditos ao redor da escrita e do tema, precisa encontrar uma maneira de tornar dizível a experiência traumática. O psicanalista Georges Gaillard (2006) afirma que um trauma vivido de modo transgressivo na passagem da idade adulta opera como uma tentativa de separação da psique materna, esses momentos podem ser considerados como “iniciáticos” por estabelecerem uma nova temporalidade e uma nova identidade para o indivíduo. O trauma vivido em solidão, ao mesmo tempo em que gera uma ruptura e uma transformação, agrega o sujeito a seu novo grupo e promove novas identificações, configurando-se sob o modo da auto-fundação desse sujeito que rompe com a infância e entra na idade adulta.

Na obra de Annie Ernaux, a autora-narradora vive um trauma que aparece de forma iniciática, gerando sua auto-fundação identitária. Essa dimensão é atribuída pela própria autora em uma entrevista dada à *L’Express*: “Foi um acontecimento inesquecível, uma verdadeira prova iniciática que me revelou a um só tempo minha relação com minha mãe, meu poder de reprodução e o fato de que eu era portadora de vida e de morte” (ERNAUX, 2000)⁶. Esse momento traumático representa tanto um corte do cordão umbilical – de sua ligação com a mãe – quanto uma ruptura, sob o modo da transgressão, com a tradição.

Na narrativa, aquela que descobre seu estado através do certificado de gravidez com seu nome escrito, Annie Duchesne (nome de solteira da autora) é colocada em uma certa distância da narradora que, por ser uma narrativa autobiográfica, podemos assimilar à autora, Annie Ernaux. Além da questão da rememoração, que invariavelmente demanda essa distância, uma vez que só se pode rememorar o passado posteriormente, podemos atribuir essa diferença a esse momento de auto-fundação vivido. A autora-narradora considera essa experiência também como um nascimento, no qual Mme. P.-R. – mulher a quem a autora-narradora paga para realizar o procedimento – seria sua mãe: “Sem saber, essa mulher sem dúvida ambiciosa – mas com uma casa pobre – me arrancou de minha mãe e me jogou no mundo [...] Durante anos, a madrugada do dia 20 para o dia 21 de janeiro foi um aniversário” (ERNAUX, 2011, 318). Desse modo, ao mesmo tempo em que a experiência simboliza uma morte, uma ruptura, também simboliza um nascimento, uma prova que julga como necessária em sua vida: “Sei hoje que me era necessária essa

⁶ “C’est une événement inoubliable, une véritable épreuve initiatique qui m’a révélé tout à la fois mes rapports avec ma mère, mon pouvoir de reproduction et le fait que j’étais porteuse de vie et de mort.”

experiência e esse sacrifício para desejar ter filhos. Para aceitar essa violência da reprodução no meu corpo e me tornar, na minha vez, lugar de passagem das gerações” (ERNAUX, 2011, p. 318).

Esse “lugar de passagem das gerações” mencionado pela autora-narradora pode ser associado não apenas à reprodução física, mas à própria escrita, ao seu desejo de que sua existência seja “completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros”⁷, como afirma ao final da obra, de modo que o vivido também é visto como algo que contribuiu para sua fundação enquanto escritora. Sua busca pela dissolução de si nos outros também é uma forma de transportar para a linguagem o trauma vivido num movimento tanto de despossessão e humanização da violência a qual se submeteu, buscando tornar compreensível para si e para os outros essa “experiência humana total, da vida e da morte, do tempo, da moral e do interdito, da lei, uma experiência vivida de um extremo a outro através do corpo” (ERNAUX, 2011, p. 318-319, tradução nossa)⁸. Além de afirmar a validade de se narrar a experiência de uma mulher e de seu corpo na escrita, Ernaux aborda detalhadamente um tema cuja mera menção causa desconforto e condenação, ressignificando esse acontecimento traumático e individual ao transportá-lo para a escrita. Em *L'événement*, os interditos ao redor do aborto se relacionam com o próprio desafio de se representar uma experiência sem lugar na linguagem, de modo que o trauma aparece como uma iniciação que leva a autora-narradora a esse lugar de passagem entre as gerações, colocando sua existência a serviço da coletividade.

⁷ “mon existence complètement dissoute dans la tête et la vie des autres.”

⁸ “une expérience humaine totale, de l'avie et de la mort, du temps, de la morale et de l'interdit, de la loi, une expérience vécue d'un bout à l'autre au travers du corps”

Referências

BEAUVOIR, Simone. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 2014.

BLANCKEMAN, Bruno. Annie Ernaux: une écriture impliquée. In: FORT, Pierre-Louis e HOUDART-MEROT, Violaine (org.). *Annie Ernaux: Un engagement d'écriture*. Paris : Presses Sorbone Nouvelle, 2015, p. 125-131.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da herança. Trad. Magali de Castro. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 229-237.

ERNAUX, Annie. *Écrire la vie*. Paris: Gallimard, 2011.

_____. e JEANNET, Frédéric-Yves. *L'Écriture comme couteau*, entretien avec Annie Ernaux, Paris, Stock, 2003.

_____. *Le vrai lieu*. Paris: Éditions Gallimard, 2014.

FORT, Pierre-Louis e ERNAUX, Annie. Entretien avec Annie Ernaux. *The French Review*. Vol. 76, N. 5 (Apr. 2003). p. 984-994. Disponível em: <http://c308femmes.files.wordpress.com/2009/03/ae-entretien-avec-pierre-louis-fort.pdf>. Acesso em: 03 mar 2016

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GAILLARD, Georges, «Traumatisme, solitude et auto-engendrement. Annie Ernaux: *L'événement*», dans *Filigrane*, vol. 15, no 1 (printemps 2006), p. 67-86.

GROSZ, Elizabeth. "Corpos reconfigurados". In: *Cadernos Pagu* (14). Campinas: UNICAMP, 2000.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEDOUX-BEAUGRAND, Evelyne. *Imaginaires de la filiation: Héritage et mélancolie dans la littérature contemporaine des femmes*. Québec: Les Éditions XYZ, 2013.

LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*. Paris: Armand Colin, 1971.

_____. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Séuil, 1996.

SEYS, Elizabeth. *Ces femmes qui écrivent*. Paris: Ellipses, 2012.

SIMONET-TENANT, Françoise. “‘A63’ ou la gênese de l’‘épreuve absolue’”, in:

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? o corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.